

O SONHO COMO CAUSA COMUM: QUATRO TENTATIVAS PARA SONHAR O SONHO DE FERNAND DELIGNY

Aline Deorristt¹

Amanda Cappellari²

Laura Barcellos Pujol de Souza³

Luciano Bedin da Costa⁴

Resumo: O trabalho propõe o delineamento de diferentes maneiras de sonhar o projeto de Fernand Deligny, do qual abordamos a perspectiva do termo “sonhar” como uma “tentativa”. Observando a persistência do plano de convivência de Deligny que pode inspirar o traço de novas causas comuns. As quatro experiências do sonhar como tentativa aqui ensaiadas no texto não pretendem traduzir o pensamento de Deligny, mas demonstrar como diferentes leituras de seu movimento coletivo podem instigar novas práticas nos campos da saúde mental e da educação transdisciplinar, podendo variar as interpretações pela sua potência experimental e conceitual. As tentativas fazem relação ao que denominamos sonhar porque traçamos os aspectos utópicos e inusitadamente oníricos de novas práticas que estão alinhadas com as leituras de Deligny, e como algo que pode se manifestar em seu aspecto de afirmação coletiva daquilo que consideramos como uma causa comum.

Palavras-chave: Fernand Deligny; Causa comum; Tentativa; Sonhar.

THE DREAM AS COMMON CAUSE: FOUR ATTEMPTS TO DREAM FERNAND DELIGNY'S DREAM

Abstract: The work proposes the delineation of different ways to dream the project of Fernand Deligny, from which we approach the perspective of the term “dream” as an “attempt”. Observing the persistence of Deligny's coexistence plan that can inspire the trace of new common causes. The

1 Pesquisadora, professora e artista, doutora em Educação pelo PPGEDU-UFRGS e ÉMA-CY (FR), pós-doutoranda do PPGAV-UERJ.

2 Psicóloga, doutora em Psicologia Social e Institucional pelo PPGPSI-UFRGS, docente do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC.

3 Psicóloga, pesquisadora e doutora em Psicologia Social e Institucional pelo PPGPSI-UFRGS.

4 Docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

four experiences of dreaming as an attempt here rehearsed in the text do not intend to translate Deligny's thought, but demonstrate how different readings of his collective movement can instigate new practices in the fields of mental health and transdisciplinary education, being able to vary the interpretations by their experimental and conceptual power. The attempts relate to what we call dreaming because we trace the utopian and unusually oneiric aspects of new practices that are aligned with the readings of Deligny, and as something that can manifest itself in its aspect of collective affirmation of what we consider a common cause.

Keywords: Fernand Deligny; Common cause; Attempt; Dream.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Para iniciarmos uma conversa...

Esta manhã é um sonho,
cada um de nós deve pensar
que é o sonho do outro.
(Godard, 2014)

Iniciamos nosso ensaio com as palavras de Marlon Miguel, em entrevista realizada por Sônia Matos, em que procura pensar o legado de Fernand Deligny no que diz respeito ao exercício de um comum. Dentre tantos aspectos, destaca a insistência de Deligny em tecer uma espécie de imaginário coletivo. Segundo Miguel e Matos (2020, p. 515), “a questão da coletividade é muito essencial; é ela que permite a potência dessa singularidade; é nessa tensão entre singularidade e coletividade que um trabalho pedagógico realmente interessante pode ser feito”. Avançando em sua leitura, percebemos o quanto a coletividade é essencial em Deligny, uma vez que é ela que permite a potência de uma singularidade. Depreendemos, a partir disso, que as palavras de um suposto “eu” (enunciado na primeira pessoa do singular) só se faz possível quando um “nós” o tensiona, funcionando como uma espécie de fora, multiplicando-o. É desde esse lugar de singularidade e coletividade que gostaríamos de iniciar nosso texto, trazendo algumas questões que nos tocam enquanto pesquisadoras e pesquisador.

1.2 Oniropolíticas

A primeira questão diz respeito aos *sonhos*, temática que nos acompanha há alguns anos, mais especificamente à *oniropolítica*.

Oniropolítica é um termo recentemente concebido, embora remonte a um longo histórico de estudos acerca dos sonhos em diferentes tradições culturais e de pensamento. No caso das oniropolíticas, olhamos para os sonhos como manifestação coletiva, como uma expressão cultural, abarcando não apenas o conteúdo dos sonhos, mas os modos/ maneiras de sonhar (Souza; Costa, 2025, p. 15).

Pensados a partir de uma oniropolítica, os sonhos estariam situados também na fronteira entre a singularidade e a coletividade, no tensionamento entre o que se

sonha (seu conteúdo) e o como se sonha (sempre em um comum). Provocar outras relações com o onírico implica em um exercício ético-estético de permeabilidade e vulnerabilidade ao outro, seja este um sujeito, uma outra espécie parceira ou mesmo um autor.

1.3 A dimensão prática

A segunda questão diz respeito à ideia de *prática*, ou como bem escreve Deligny, à *tentativa*. Para isso, ele faz a distinção entre a tentativa e o projeto pensado: enquanto a primeira diz respeito à uma experimentação, o segundo opera a partir do controle. A tentativa implica em lançar-se ao desconhecido: “Subir a bordo, é o que se diz. Resta o mar, que seria o fora” (Deligny, 2015, p. 147). Estar a bordo não somente de um barco, mas do próprio mar, com suas correntes e correntezas. A prática, nesse sentido, envolve um lançar-se, uma experimentação que se faz com o outro, mas não necessariamente para o outro. “Mas será que uma tentativa deve ter a expectativa de ser reconhecida, ou, como se poderia dizer, controlada?” (Deligny, 2015, p. 154).

1.4 Fazer arte

A terceira questão diz respeito à *arte*, essa compreendida em um sentido ampliado, não se restringindo a um gesto individual de criação. Com Deligny aprendemos que arte se faz a bordo, um fazer operado desde as suas bordas, e que muitas vezes prescinde da linguagem escrita ou mesmo falada. Em seu ensaio *A arte, as bordas... e o fora* (Deligny, 2015, p. 147-150), o autor nos provoca a pensar o traçar enquanto experiência artística. Para isso, traz a experiência com crianças autistas severas que, à sombra do que limitadamente compreendemos como comunicação, estabelecem um comum a partir de linhas de convergência e errância. A dimensão artística não se faria ao situar tais crianças como artistas, como se seus gestos fossem premeditadamente estéticos - o que nos parece uma violência reducionista aos movimentos que se fazem segundo uma necessidade impossível de ser acessada a quem as observa e acompanha. O que, com Deligny, buscamos chamar de arte se faz na relação estabelecida entre o traçar/mapear os movimentos de tais crianças e a dimensão errante das mesmas - a errância se dá no próprio ato de caminhar, como na maneira com que essas se relacionam com o papel. “Se eu me fiar às linhas de errância, que são traços escrupulosos dos trajetos sem projetos aparentes das crianças autistas que vivem, aqui e ali, próximas de ‘nós’, manifesta-se que existe semelhança entre esses mesmos traços e os ‘traçares’ da mão de cada criança” (Deligny, 2015, p. 149). A arte, portanto, é relacional. Contudo, não se trata necessariamente de uma relação voluntária de co-responsabilização entre um sujeito e outro, entre os sujeitos e o coletivo, entre os traçados (da mão e das pernas). A relação diz respeito a uma coisa estar relacionada à outra, sem que, para isso, as duas coisas estejam em comunhão. Em outras palavras, quem busca estabelecer a relação é sempre um outro, a partir do seu olhar e de uma certa sensibilidade.

Dito isso, procuraremos neste texto trazer quatro tentativas de relação com Deligny, apresentadas desde o lugar das *oniropolíticas*, de *práticas* e experimentações com a *arte*, buscando sonhar outros “Delignys” possíveis.

2 QUATRO TENTATIVAS COM DELIGNY

2.1 Tentativa 1: traçando mapas em uma aula

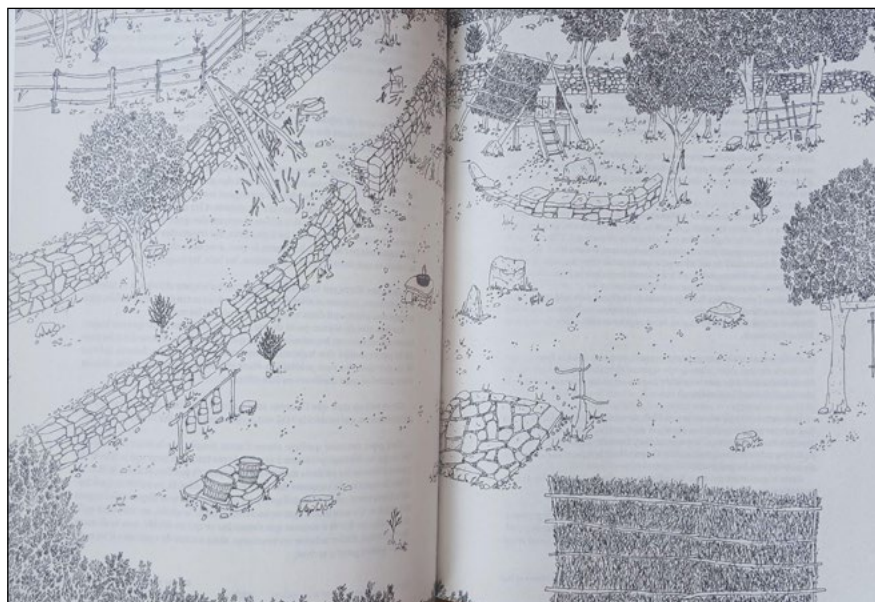
O desconhecido que se reconhece
não me inspira confiança.
(Deligny, 2015, p. 57)

Nossa primeira tentativa se fez a bordo de um território conhecido: a aula. Em um ensaio escrito há mais de 10 anos, afirmávamos que uma “aula não precisa ser confundida com todas as aulas” (Autores, 2013, p. 60). Mas o que estávamos querendo dizer com isso? No referido texto, propúnhamos a pensar a aula a partir da co/habitação de dois movimentos. O primeiro diz respeito a pensar a aula a partir de uma imagem dogmática do pensamento - essa capturada enquanto objeto circunscrito em velocidades limitadas, coordenadas explicativas, sustentadas por um currículo-programa e pelo enquadre do conhecimento científico. Essa primeira imagem, situada desde um lugar representacional, posiciona a aula enquanto uma experiência reproduzível e replicável. “Contudo, uma aula não precisa ser confundida com todas as aulas. Então desmanchemos essa imagem-aula do pensamento. Uma nova imagem do pensamento pode surgir a cada vez que ele se depara com um novo problema, com o que até então não havia sido pensado” (Autores, 2013, p. 62). A segunda imagem diz respeito aos encontros, em que “uma aula pode ser então outra coisa: uma experiência não-dogmática que possibilita experimentar e pensar. Experiência em que se pode escutar o inaudito, ler o não lido, duvidar da verdade, desaprender o aprendido. Essa aula não tem como objeto contemplar o eterno, nem refletir a história, mas diagnosticar nossos devires atuais” (AUTORES, 2013, p. 62). Enquanto a primeira imagem é retrospectiva, a segunda é prospectiva, dizendo respeito ao que pode vir a ser, mesmo que o que venha seja capaz de desmanchar a própria imagem dogmática de uma aula. É com Deligny que encontramos pistas para mapear isso que vem em uma aula, cartografias que fazem cintilar o que ainda não está posto, mas que pede passagem.

Os mapas surgiram de modo acidental, a partir da sugestão de Deligny a Jacques Lin, uma das presenças próximas na comunidade criada em Serret (França) entre os anos 1968 e 1980, na qual conviviam adultos e crianças autistas. De acordo com Miguel e Rocha (2013, sem página),

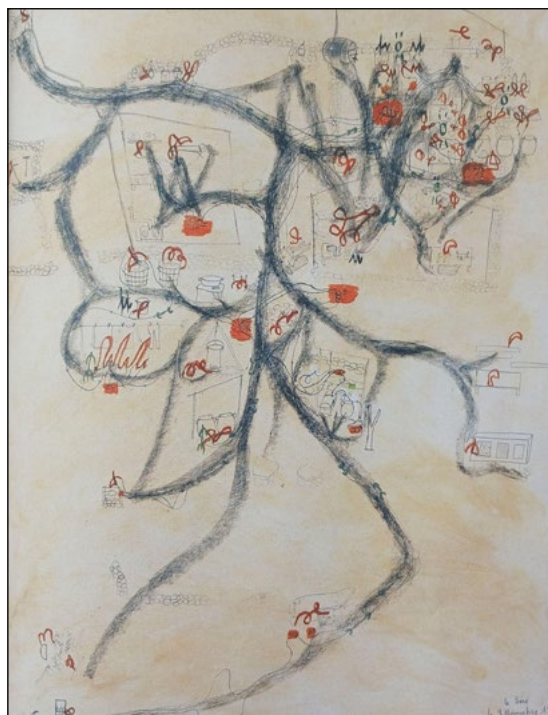
O mito conta que esses mapas surgiram de forma casual, como uma indicação de Deligny a Jacques Lin, uma presença próxima que vivia acampada no Serret. Jacques Lin, sem saber o que fazer em relação às crises de uma criança autista, pede a ajuda de Deligny. Este lhe propõe então, em vez de fazer algo, em vez de intervir diretamente nas crises, que ele se afastasse e tentasse apenas traçar os movimentos da criança.

Imagem 1: Mapa da comunidade em Serret - 1977-1978.



Fonte: Deligny (2007, p. 1337-1338).

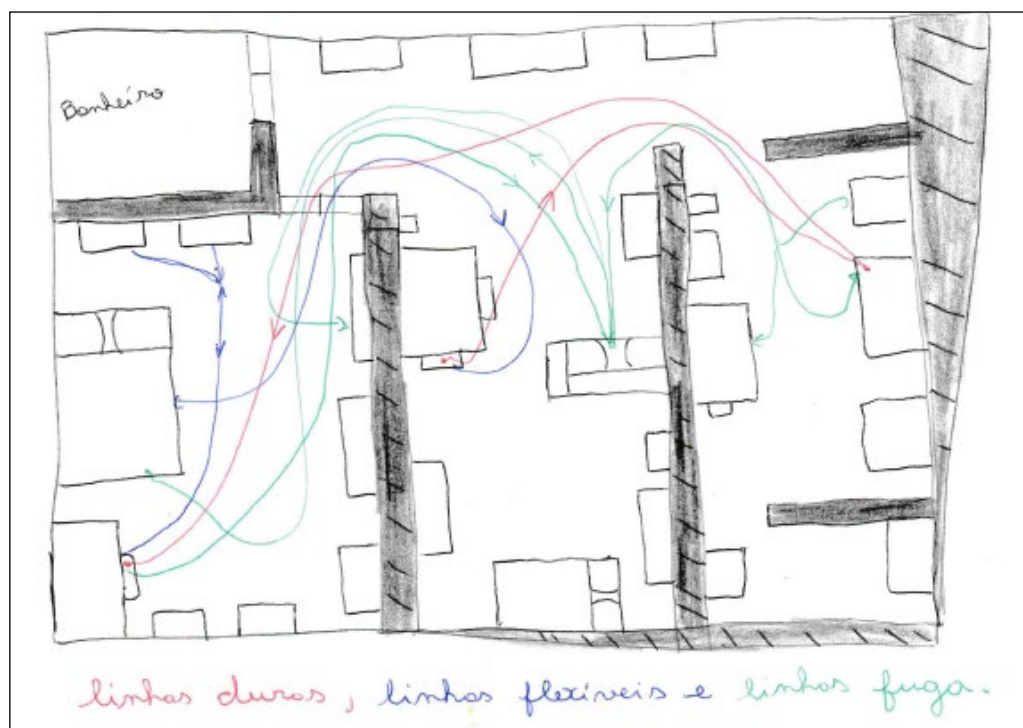
Imagem 2: Mapa da comunidade em Serret - novembro de 1973.



Fonte: Deligny (2007, p. 1065).

Contagiados por Deligny e seus mapas, trazemos uma tentativa cartográfica operada junto a estudantes de licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. O ano não importa, mas as circunstâncias talvez sejam interessantes: tratou-se de um exercício oriundo da disciplina de Psicologia da Educação, em que a(o)s participantes eram convocada(o)s a traçar seus próprios mapas, a partir de leituras de Deligny, tendo como referência a teoria das linhas presente em Deleuze & Parnet (1988). Para isso, assumimos como território a ser mapeado o que lhes parecia mais familiar, a saber, suas próprias residências. Como pensar o movimento das linhas duras, flexíveis e de fuga em um espaço domesticado pelo cotidiano? Assim como Deligny e as presenças próximas, colocamo-nos a criar mapas para tensionar o habitual, aquilo que se mostra invisibilizado pelo fato de se repetir dia após dia.

Imagem 3: Mapa construído por estudante de licenciatura da UFRGS.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Como bem aponta Deligny, não se trata de interpretar os mapas, mas de visualizar, quiçá, as linhas de força que subjazem os movimentos das crianças autistas. No caso de nossa tentativa, assumimos a mesma posição ética, não buscando as razões pelas quais os movimentos se deram, mas a percepção de que há sempre brechas, respiros e fugas em um espaço tomado pela familiaridade e rotinização. Isso vale para nossas casas e apartamentos, como nas aulas que participamos, seja na condição de docente, como de estudante. Afinal, uma aula, em companhia

de Deligny, não deve ser confundida com todas as aulas. É com esse lugar de singularidade escolar que insistimos em sonhar.

2.2 Tentativa 2: a matéria onírica como linha de errância coletiva

A bem dizer, chovem redes aos borbotões, e parece que essa proliferação de redes atinge seu ápice nos momentos em que os acontecimentos históricos - os quais, segundo Friedrich Engels, resultam de forma inconsciente e cega - são intoleráveis; e, verdade seja dita, nessa sua propensão para serem intoleráveis os acontecimentos históricos são talentosos (Deligny, 2015, p. 15-16).

Nossa segunda tentativa em sonhar o sonho de Deligny emerge de uma experiência pedagógica tramada no curso de Psicologia em diferentes instituições de ensino superior e constelada em torno das oniropolíticas. A partir do que chamamos de Oficinas de Ativação Onírica (OAO), propusemos o gesto de escrever sonhos, compartilhando anonimamente o resultado desses relatos e a subsequente transformação desses sonhos em “matéria jornalística”. Embora o sonho seja classicamente o material primordial da psicanálise, como segredo a ser decifrado e controlado pelo especialista, nossa prática buscou subtraí-lo da “órbita languageira” da interpretação e lançá-lo à deriva do comum.

A Oficina de Ativação Onírica (OAO) tinha como procedimentos: 1) cada aluna individualmente relatar algum sonho que chegasse na memória naquele momento e que quisesse compartilhar, utilizando uma folha do caderno para escrevê-lo; 2) redistribuição da folha de forma anônima entre as alunas para; 3) produção de uma manchete e uma notícia a partir do sonho recebido. Ao final, as manchetes foram lidas em voz alta e gravadas. Os relatos foram cedidos pela turma e estão sob a guarda do nosso “arquivo onírico”. Alguns destes relatos/manchetes noticiam: “Uma visita surpresa: avô falecido aparece na janela e usa da ocasião para se despedir da família”; “Rainha Elizabeth é atingida por ondas gigantescas de um tsunami quando passava o fim de semana em seu castelo de inverno”; “Festa em iate recebe visita ilustre de águas-vivas mortais, mulher escapa ilesa”; “Extra, extra! Hoje em Brasília, Bolsonaro é engolido por uma Lula”.

Imagem 4: fotografia de relatos oníricos realizados no dia 05 de abril de 2024 no curso de Psicologia da UFRGS.

Relato Onírico:

Senhei que haviam várias taraxinhas (percevejos) cravados na polpa da minha bunda. Na minha frente, um homem recebia agulhadas no pescoço - acupuntura? Alguém disse: "ele não sente nada, ~~ele~~ está fora do próprio corpo". Percebi que teria que arrancar minhas taraxas uma por uma.

Manchete Onírica:

→ "alfinetada"
→ mãos de tesoura
→ o não-dito fala mais que o dito?


Subtítulo (olho):

~~Minha~~ Relato de bunda com percevejos e pescoço com agulhas intriga moradores de cidadizinha desconhecida

Nome/pseudônimo:

Workaholic da Psico

Atividade de ativação onírica - andanças... junte(s)
NUPPEC / Eixo-2 - portas abertas - 05.04.2024


NUPPEC EIXO 2
Psicologia, Educação e Cultura

Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Aqui, o sonho é compreendido não como a chave para um inconsciente recalcado e individual, mas como um traçado escrupuloso da vida que se agita e que se recusa a ter um projeto aparente. A prática da escrita e da publicação em grupo funcionou como a cartografia das linhas de errância, um registro do movimento onírico coletivo. Não estávamos interessadas em perguntar *o que* o sonho significava, mas em ver o modo como ele se manifestava ao ser compartilhado, multiplicando-se em novas formas ao ser lido.

“Ora, com manchas de tinta preta, junto com furos de ferimentos no papel, agarramos a cauda oscilante da sonda onírica da docência” (Corazza, 2019, p. 21). O sonho, como a vida na rede de Cévennes, não foi feito para ser analisado, mas nos *adveio* no ato do compartilhamento. A experiência da Rede de Cévennes, denominada Rede Deligny, foi um lugar de convivência no sul da França onde Fernand Deligny e alguns adultos moravam junto a crianças e adolescentes que recebiam o diagnóstico de autismo grave. Os adultos, chamados presenças próximas, passaram a registrar em mapas o que acontecia lá. A ideia era criar uma rede humana que apoiasse a vida dessas crianças, observando e registrando seus movimentos no espaço (as “linhas de errância”).

Na tentativa de torná-lo outra coisa, o sonho do singular se torna uma causa comum. Assim que “esta pequena rede viveu, portanto, seu tempo de pequena guerrilha” (Deligny, 2015, p. 70). Cada aproximação com o sonho recebido e trocado participou, à maneira de Godard (2015), do exercício de “pensar que é o sonho do outro”. Uma tentativa é isso. Não é feita para. A escrita do sonho, ao invés de codificar a intimidade, operou como a presença ligeira que permite que o movimento do outro (aqui, o movimento onírico) não seja interrompido, mas sim prolongado e traçado na rede. A matéria onírica é o resultado atópico: a rede da aranha que se apoia na parede para jogar suas linhas.

A função da “matéria jornalística” aproxima-se da prática do cinegrafista. Filmar não era fazer um filme, mas capturar o fragmento, o “mínimo gesto” que atesta o ser aí da criança, sem a sobrecarga da interpretação. A publicação dos sonhos em série e de forma fragmentada atua como esse traçado. Ela congela o fragmento do sonho permitindo que a causa comum seja vista (olhar não é ver) em sua nua facticidade, sem a necessidade pretensiosa do discurso terapêutico. A errância dos sonhos, ao ser fixada pela escrita e lançada ao olhar de todos, transforma-se em um plano de imagem onde o coletivo se reconhece na fragilidade e na deriva de sua própria existência sonhada.

2.3 Tentativa 3: entrar no jogo, partilhar um sonho

[...] para mim, se acontece de eu ser eficaz no que chamam de “evolução de um caso” é que meu objetivo real não é a evolução desse tal caso - palavra que prefiro trocar por “cara” ou “garoto” ou “chapa” ou “o outro aí” (Deligny, como citado por Copfermann, 2018, p. 149).

Para nossa terceira tentativa, invocamos uma memória antiga e todas as vezes que escrevermos *ela*, você deve pressupor que *ela* está acompanhada por um coletivo. As cenas se passam em uma experiência de iniciação na clínica pública, especialmente quando, junto de uma colega, ela precisa levar um agendamento psiquiátrico para um rapaz que não saía de casa há um bocado de anos. Achou estranho e justamente por isso foi. Cortaremos os preâmbulos, pois são ligeiramente chatos, e vamos direto bater à porta do quarto do dito cujo: *Não vou ao psiquiatra. Tchau!. Podemos voltar semana que vem?*. Silêncio. É semana que vem. Ela bate à porta do quarto, a voz a manda embora. Ela escuta cliques no mouse e aposta em

um dos dois jogos que conhece *cara, tu tá jogando LoL (League of Legends)*⁵? (barulho de chave; porta abrindo) *Tu conhece?*

Ela não sabia se o rapaz não gostava de falar ou se as poucas palavras denunciavam a precariedade de um cotidiano que lhe soava entediante. Colegas da clínica pública sugeriram arte, criar um tipo-portfólio. Todas as semanas, ao bater palma na frente da casa, escutava a mesma frase de quem a recebia: *ah, é tu... achei que não viria hoje*. Alguém apostava que ela não iria; ela (e seu bando) apostava no *e se...*

Um familiar do rapaz passou a esperá-la com dois ventiladores na cozinha: faziam a função de tornar suportável o cheiro de uma existência trancafiada. Ela ia, alguém cuidava dos ventiladores, e a equipe tratava de comemorar e sustentar esperanças através dos pequenos aglomerados de “espuma de delírio que borbulha em torno de toda ação intensa” (Deligny, 2018, p. 126). Já eram muitos sonhando alguma coisa em comum. Abriam espaço para o traço e, se o menino quisesse, que riscasse também.

Uma folha de desenho que, ao ser manuseada com improváveis materiais, fura ou rasga e abre passagem para falar da carne que já foi rasgada e carrega suas marcas. Não por interpretação, nem por solicitação da palavra, mas por alguma vontade de partilha. Sustentava-se o encontro não para que o menino fosse outro, mas para acompanhar aquela experiência de existir. Um dia, desavisada do que fariam naquela tarde, as palavras foram logo saltando da boca: pensou em colherem flores e algumas folhas para a invenção. Ele gargalhou forte e se sentou na cadeira. Ela insistiu *é sério, tem uma praça bonita na próxima quadra*. Ele ficou calado e, desviando os olhos, gritou *mãe, eu ainda tenho algum tênis?*

Deligny escreve que um desenho infantil “é um chamado para novas circunstâncias” (2018, p. 125). Ela foi se afeiçoando àquelas obras estranhas que produziam e ao passo apressado para chegar a lugar nenhum. Talvez seus encontros semanais tenham se tornado uma *pequena usina de imprevistos*, como o autor defendia para os centros de juventudes. A cada encontro inesperado, a necessidade de improvisar um modo de existir diferente daquele do silêncio e da escuridão do quarto.

Através do corpo dela, instaurava-se diante do moleque um coletivo que queria algo - e já não era a consulta psiquiátrica. Era preciso pressupor um coletivo, o tempo todo: imaginar um coletivo para o garoto... um que fosse capaz de se ater mais aos gestos do que aos modos, como também propusera Deligny. Insistiam na esperança diante de “um mundo que corre o risco constante de morrer de docilidade” (Deligny, 2018, p. 54). As sentinelas, antes posicionadas nos gráficos

5 *League of Legends* (LoL) é um jogo online, composto por equipes que devem ocupar um território para destruir a base do time oposto. Há três rotas principais no mapa, mas o jogador responsável por percorrer a “selva” tem uma função estratégica importante, na medida em que cria rotas inesperadas.

virtuais do jogo, passavam a ser espalhadas também por pontos afetivos da cidade. Foram encontros criadores de circunstâncias.

2.4 Tentativa 4: a causa comum sonhada por um feixe de luz

Durante o período de docência de uma professora, artista e pesquisadora no Ensino Infantil, mais precisamente na pré-escola⁶, nós consideraremos a sua relação com uma aluna autista que raramente sentava para fazer as “tarefas” que normatizam uma formação de área específica das crianças. O agir recorrente da menina era andar pela sala de aula em círculos, experimentando tudo o que podia dos brinquedos e materiais disponíveis ao seu alcance. Aparentemente, ela não interagia com os colegas, desviava dos outros corpos, parecendo ignorá-los do ponto de vista comum sobre uma “interação”. Os outros corpos que se movimentavam com grande energia em bando, aleatoriamente e ao seu redor. Um dia, a professora surpreende-se quando a menina resolve sentar em uma cadeira para desenhar com canetinha em cima da mesa. A professora discretamente começa a filmá-la para perceber como seria o desenvolvimento desse novo interesse. Desenhar é um exercício comum realizado pelas outras crianças que ao mesmo tempo falam sem parar e interagem muito durante o processo, solicitando a atenção da professora o tempo todo, como para fazerem juntos. A menina autista experimentou o material de desenho do seu jeito, sem essa solicitação. Em pouco tempo ela levantou e abandonou o instrumento gráfico, demonstrando não haver grande interesse por “desenhar” como as outras crianças. Mas uma criança autista age, não precisa se interessar da mesma maneira pelo desenhar. Remetendo a Deligny:

Um garoto autista não faz nada: é o agir. Isso se vê claramente. Se vê para quem tem o olhar, para quem vive com crianças autistas. O mesmo se passa com a imagem: uma imagem, no meu jargão, não se “faz”. Uma imagem chega, ela não é senão coincidência. Ora coincidência, a imagem, no sentido que eu compreendo, a imagem própria, é autista. O que eu quero dizer é que ela não fala. A imagem não diz nada! E... do mesmo modo ao que diz respeito às crianças autistas, uma razão a mais para que todo mundo a faça dizer alguma coisa. (Deligny, 1989/2007, p. 1012)¹

Posteriormente, em sua casa, a professora coloca o vídeo da menina para rodar e percebe algo diferente, experimenta assisti-lo novamente, desta vez sem o som, atribuindo maior atenção. Foi como se pudesse acessar o mundo da menina, o que, para sua surpresa, a fez perceber um “estar comum” *com* a menina. O vídeo ofereceu uma experiência diferente de sala de aula com o movimento da menina autista em silêncio, antes supostamente distante da ocupada observadora, mergulhada no seu devir professora, a coordenar o andamento do “caos” infantil. O vídeo gerou a possibilidade de uma aproximação cartográfica e poética entre as duas, experiência que inclui o experiencial físico e posicional, agora também imagético, porque registrado em vídeo.

6 Experiência relatada inicialmente na tese de doutorado XXXXXX. AUTORA, PPGEDU/UFRGS.

A aluna experimentou todos os lados do objeto riscante, observando seu formato e textura. Eram perceptíveis as intensidades na maneira como ela riscava a folha, e depois a mesa, e depois o chão. Friccionar, bater, raspar, empurrar, entre outros gestos que a canetinha permitia, ampliava a visão instrumental que temos do objeto para uma percepção que o tornava parte do corpo da menina, para que pensemos em seus devires em traços e pontos. O corpo estava ali, aliado ao movimento do instrumento riscante, sem se preocupar com as linhas. A “sua” linha não se manifestava como um *design* projetivo mental, emocional, cognitivo. A menina não direcionava seu gesto a ponto de mensurá-lo, de julgá-lo ou de procurar “fazer melhor”. Ela simplesmente agia. Os elementos estavam posicionados em fluxo dimensional enquanto corpo e correspondendo aos estudos de Deligny com as crianças autistas.

A professora vendo o vídeo começa a perceber a nuance de um feixe de luz que entra na cena, como se produzido por algo maior, como se fosse a própria cena em estado ativo de manifestação. O feixe entrava pela janela e oferecia uma luminosidade amarelada àquela sensação aconchegante de manhã invernal que certamente a menina também sentia. Quando o movimento do seu corpo parece ser aquecido pela luminosidade do ambiente, a imagem devém poética.

O movimento da mão da menina traça um arco-íris em curva, o desenho é um movimento invisível, expandido, fora do papel. A professora percebe, se alguém estava isolada com seus pensamentos na sala de aula, esse alguém seria a ela mesma, que não havia percebido a imagem que vinha dessa relação com a menina, com a sala de aula, com a luz. Estando assim, como conseguiria fazer a conexão entre a presença da aluna e o seu movimento; quando ela se tornaria capaz de vivenciar a vida sensível não-verbal que a menina oferecia com a sua existência? O silêncio foi o que as aproximou de uma causa comum, o silêncio da imagem em devir feixe de luz, como num sonho. Um sonho que as sonhou. Imagem que permitiu que o evento se tornasse poético para uma delas, enquanto à outra, bastava integrar-se.

Em frames, o vídeo as produzia como uma poética em arte. Poética porque estavam agora sendo compostas como uma causa comum, uma causa-feixe. O vídeo ofereceu uma perspectiva afetiva, mas era a imagem que as sonhava. Algo que constata uma imanência, a coexistência de presenças e movimentos. A professora considera uma imagem poética porque a aluna ouvia todos os ruídos das outras crianças, sentia as suas vibrações e as suas urgentes necessidades, mas era capaz de experienciar uma relação sensorial diferente com o mundo ao redor. Um corpo-instrumento riscante, demonstrado pelo feixe de luz, sem nenhuma palavra, um outro modo de vida. A menina devinha uma imagem brilhante que antes era considerada exclusiva, pertencente ao ambiente, mas distante, marginalizada do mundo ao redor, ignorada pela emergência da linguagem. A imagem por vir dessa menina autista agora a integrava, como se antes ela estivesse privada da professora, ou a professora da experiência dela. Um saber experiencial sem cisões, o nascimento de uma convivência como causa comum. Algo da ordem das sensações, que pode oferecer - ou não - uma forma, dependendo da orientação. A professora e a sua inclinação para o sentido.

Uma causa comum num feixe de luz: na foto a seguir uma interpretação da experiência não procura romantizar o gesto da criança, mas a inclui num processo imanente que a professora passa a sonhar como artística. A imagem faz a professora sonhar ao se perceber também de fora da posição como professora, desta vez mais capaz de ser também outra coisa. Pois não se trata dela, não é sobre a educação da criança, é sobre nós, o feixe de luz é sobre nós e as nossas percepções das experiências humanas. Trata-se do nosso experienciar da vida em comum, no desvio dos autoritarismos de linguagem. O vídeo apenas traça o rastro da experiência, não a conduz. Assim como faz a fotografia abaixo, onde todo sentido se torna uma possibilidade do pensar-sentir divergente. A foto é um frame do vídeo, demonstrando o feixe de luz no movimento gráfico da menina. Entretanto, ele estaria fora do papel, o traço do acontecimento está fora da regra, pois a imagem não é fixa, o seu movimento devém, a imagem está sempre porvir.

Imagem 5: AUTORA”, 2024.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Tempos depois, essa mesma professora ficou perplexa ao descobrir uma experiência semelhante relatada por Deligny nos escritos de *Pavillon 3* (1944)⁷ e que aparece no filme *Monsieur Deligny* de Richard Copans (2020). Deligny estaria disposto a se surpreender com acontecimentos muito simples quando na sua relação com seus alunos. E tal como a professora do pré-escolar com a menina autista, estaria atento às circunstâncias que se manifestam como imagens por vir, a promover o deslocamento de posições incômodas tal como a “de educador para aluno”.

Estamos no período em que Deligny trabalhava como educador especializado no Instituto de Armentières, uma “Maison de Santé”, um “asilo público autônomo para alienados” como se denominava, destinado à reclusão de crianças marginais consideradas perigosas socialmente. Em Armentière, Deligny supervisionava jovens com problemas mentais e delinquentes, mas ao invés de tentar “reabilitá-los” como em uma prisão, ele tentava outros modos de convivência criando uma espécie de refúgio. Vale descrever aqui, nas palavras de Deligny, conforme a sequência e o recorte do vídeo:

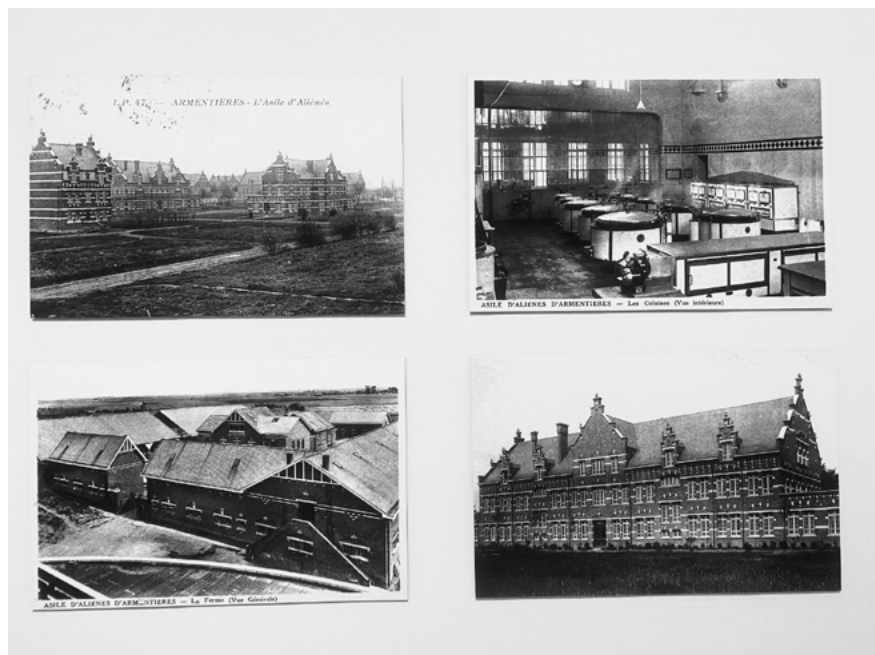
Aos trinta anos era o educador principal num instituto médico-pedagógico, um depósito regional onde um número de meninos anormais, em sua maioria delinquentes mais ou menos experientes, esperavam voltar à vida normal. Alguns meses após tê-los deixado, eu tive vontade de os descrevê-los, como quem fala com sua mulher dos amigos do colégio ou do regimento: se mentirmos um pouco é para sermos mais verdadeiros (Deligny *apud* Copans, 2020)⁸.

A cena do filme mostra o interior de Armentières onde um toca-discos em primeiro plano roda um LP (*Long Play*) deformado que reflete um feixe de luz intrigante. A cena produz a fusão do feixe de luz com os efeitos de uma música de Beethoven, descrevendo sensorialmente uma experiência como causa comum de Deligny e os “alunos”, da qual o transporta a novas percepções sobre essa relação. De modo semelhante ao acontecimento entre a professora e a menina autista, um simples feixe de luz seria capaz de deslocar valores, concepções, interpretações, posições e as maneiras de sonhar um coletivo.

7 Livro publicado em DELIGNY, Fernand. **Oeuvres**. Paris: L'Arachnéen, 2007.

8 Tradução nossa.

Imagem 6: Fotografia de postais de Armentières dos anos 1930, quando Deligny trabalhava no local.



Fonte: Exposição *Deligny: elogio do Asilo*, Barcelona, 2023. Arquivo de l'Aracnéen. Foto: Autora.

No filme a fala ficcional de Deligny prossegue:

Acredito que não ensinava nada para eles e justamente porque não tinha nada para ensinar é que me sentia confortável como professor. Ninguém me pedia que eles aprendessem algo. Mas, pela força das coisas, igualmente aprendiam. Todos os dias eu lia poemas para eles. Tocava música clássica num toca-discos que tinha por lá. Notei coisas surpreendentes. Havia uma sinfonia de Beethoven e discos de música militar. E os meninos ficavam fascinados quando tocava Beethoven e não lhes importava nada as marchas militares. Era assombroso. As pessoas esperam que as pessoas com debilidades profundas... de maneira nenhuma. Por que eles preferiam escutar Beethoven? Porque o disco estava deformado. Havia um reflexo de luz sobre o alumínio. Um ponto de luz que dançava e deixava todos fascinados. Juro que tem que ser muito observador para se dar conta disso. Para não dizer: “preferem a grande música a música militar”. Ter descoberto isso me fez feliz por uns anos (Deligny *apud* Copans, 2020)⁹.

A descoberta de um feixe de luz parece ter garantido uma ruptura com as tendências estereotipadas do pensamento educador, essa linguagem que nos faz ser o que nós somos enquanto sujeitos institucionalizados. O feixe de luz como causa

9 Tradução nossa.

comum aparece como um atravessamento experiencial que permite singularizar a experiência coletiva pela percepção das crianças. Ou como expressou Catherine Perret (2017) sobre a convivência de Deligny com as crianças autistas, o traço, a imagem, a partir do movimento das crianças, tal como o feixe de luz, aparece como “qualquer coisa de gesto, de ritmo, de agitação que passa entre nós” e nos faz perceber e sonhar outras formas como causa. E como observar esses movimentos nas convivências? A evidência de uma causa comum que sonha a todos como a sua imagem constrói um espaço comum, um acontecimento plural, por isso é singularizante, por isso é preciso atentar-se ao improvável do que devém sensível entre nós. Uma vez estando aí, na expressividade de uma imagem que nos sonha, que nos traça, como quando atravessada por um feixe de luz imprevisível, o que poderia um educador ensinar?

3 RASTROS DE CONSIDERAÇÕES FINAIS: o sonho nos abandona lá

É possível, ou necessário, fazermos uma amarração entre as quatro tentativas, depreendendo-se uma conclusão, procurando uma significação desse sonhar uma escrita coletiva como causa comum? Ela nos reuniu, a experiência de escrita em suas diferenças, em suas singularidades, em suas potências, e em cada relato de experiência, uma causa comum nos sonha em diferentes circunstâncias. Os devires desses sonhadores-tentativas junto aos escritos de Deligny esboçam uma espécie de tateio conclusivo, talvez justificando algo que o texto ainda não dá conta, e talvez nem pretenda. A vida escapa pelas tabelas, pelas brechas, demonstrando que estamos vivendo para poder escrever e isso continua. Permanece um diálogo? O que mantém a continuidade? Quem sonhou quem ao sonhar o sonho do outro nesta escrita? Como um conjunto de frases e palavras que nos alinhavam, as tentativas demonstram que estamos lendo, que estamos tentando convivências atentas, que fazemos valer a experiência comum a cada desafio de disponibilidade em torno dos possíveis. Mas que esse algo não seja um único, e ainda, mesmo que este algo nos seja um tanto fugidio, tentamos algo compartilhável, fazemos valer a vida em sua experiência de proximidade sem pretensão de “algo”. E ela segue assim, aproximando as nossas linhas, como linhas mais soltas, pois o sonho nos abandona lá:

Encostamos mapas para que os territórios tenham duração e encontrem outras linhas por onde continuar.

Sobrepomos nossas tentativas deixando ver pontos entrecruzados: nossas linhas de um sonho em comum.

Ao estarmos com Deligny, afirmamos a sensibilidade daquilo que é frágil. Colocamos nossas presenças em relação, tentando convidar o equívoco, a paixão e a errância para a feitura de cartografias inventivas sobre os mesmos espaços.

Nós, passantes.

É como sonhar o sonho do outro.

Cada tentativa inventa um modo de estar com.

O fora não está longe, está entre.

O sonho não é o que temos, é o que nos tem. O sonho é a jangada.

Não se trata de ensino no sonho. Há convivência. Sem tradução ou projeto pensado. Em deriva, ricocheteia, sendo assim capaz de evocar uma entidade ou muitas.

Esteja sempre disponível para que possa ser sonhado de diferentes maneiras.

O sonho nos abandona lá.

REFERÊNCIAS

COPANS, Richard. **Monsieur Deligny**, 2020. Etnia Singular. Youtube (1:36:13min) 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dv2ZmfFcgOg>. Acesso em 07 nov. 2025.

COPFERMANN, Émile. **Prefácio (1970)**. In: DELIGNY, Fernand. Os vagabundos eficazes: operários, artistas, revolucionários – educadores. Tradução de Marlon Miguel. São Paulo: n-1 edições, 2018.

CORAZZA, Sandra Mara. **Breviário dos sonhos em educação**. São Leopoldo: Oikos, 2019.

DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELIGNY, Fernand. **Oeuvres**. Paris: L'Arachnéen, 2007.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Tradução de Lara de Malimpesa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes**: operários, artistas, revolucionários - educadores. Tradução de Marlon Miguel. São Paulo: N-1 edições, 2018.

DEORRIST, Aline. **A poética do devir-desenho como prática investigadora**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS; CY Cergy Paris Université. Porto Alegre; Paris. 2025.

GODARD, Jean-Luc. **Adeus à Linguagem**. MUBI, 2014 (66 min.) Disponível em: <https://mubi.com/pt/br/films/goodbye-to-language>. Acesso em: 07 nov. 2025.

MIGUEL, Marlon. ROCHA, Maurício. Encontro Internacional Fernand Deligny, com, em torno e a partir das tentativas. **Encontro Fernand Deligny**. Disponível em: <http://encontrodeligny.org/imagens/mapas/>. Acesso em: 6 nov. 2025.

MATOS, Sônia. MIGUEL, Marlon. Conversação sobre Fernand Deligny e o Aracniano. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.22, n.2, p. 498 - 516, abr/jun.2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8654857/22404>. Acesso em: 31 out. 2025.

MUNHOZ, Angélica Vier; COSTA, Luciano Bedin da. Uma aula não precisa ser confundida com todas as aulas. In: SALES, José Albio Moreira de; FELDENS, Dinamara Garcia (orgs). **Arte e filosofia na mediação de experiências formativas contemporâneas**. Fortaleza: EDUECE. 2013. p. 61-72. Disponível em: https://saltheebooks.com.br/wp-content/uploads/2024/10/arte_e_Filosofia.pdf. Acesso em: 6 nov. 2025.

PERRET, Catherine. **Le rêve des formes: Arts, sciences & cie (4)** - Catherine Perret (2017-2018). Collège de France. Youtube (30:16 min.) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_xQcJwy2YMo&t=303s. Acesso em: 08 nov. 2025.

SOUZA, Laura Barcellos Pujol de; COSTA, Luciano Bedin da. Oniropolíticas: o sonho transespécie na agenda 2030. **Pixo**, n. 32, v. 9, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/download/28673/20805/>. Acesso em: 31 out. 2025.